

Barraco abriga 15 no Paranoá

Brasília — Foto de Wilson Pedrosa

Brasília — De sua casa na Vila Paranoá — um barraco de tábuas apodrecidas de 24 metros quadrados, onde dormem 15 parentes amontoados — o ajudante de pedreiro Vilmar Neves da Silva, 17 anos, vê, diariamente, o deslumbrante panorama da opulência emoldurado pelo lago. Mas seu sonho é ter novamente a sorte de saborear um prato de salada de maionese “bem feitinha” e um pedaço de pizza de queijo oferecidos por “uma madame” para quem trabalhou no lago Sul, há quase um ano.

Filho da viúva Otaciana, que deixou o município de Januária, Minas Gerais, há 10 anos, à procura de melhores dias em Brasília, Vilmar sustenta, com mais dois irmãos pedreiros e a pensão da mãe, o “batalhão” que vive no barraco.

— Mamãe recebe Cr\$ 1 mil e nós, quando estamos com serviço fixo, conseguimos pingar Cr\$ 300 por semana. No total, correndo tudo bem, dá para tirar Cr\$ 4 mil mensais.

Celeiro de mão-de-obra

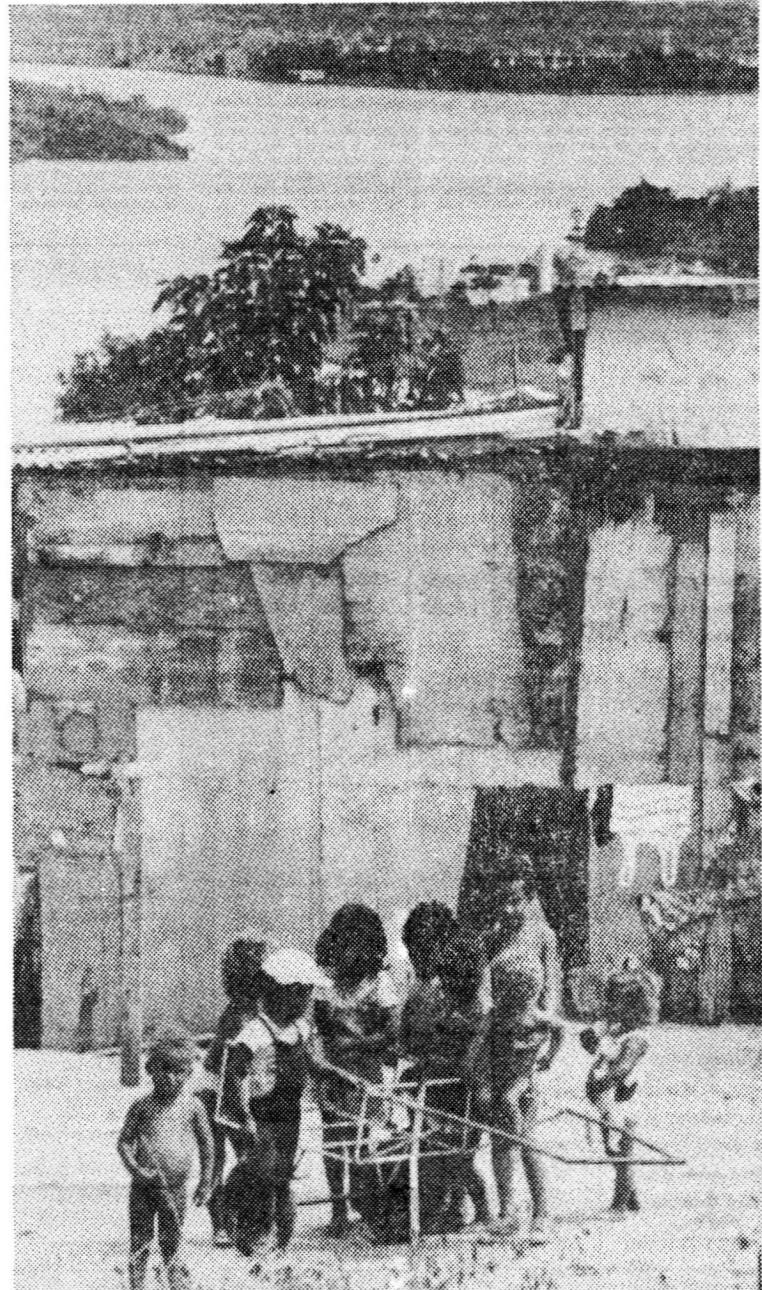
Não dá. São oito adultos e sete crianças (a menor com dois meses de vida), entre filhos, noras, genros e netos de Otaciana. Todos acomodados nos 24 metros quadrados, onde nove pessoas se distribuem por duas camas de casal, uma de solteiro e um sofá. As que sobram dormem no chão.

A situação da família de Vilmar não difere muito das de outras famílias da invasão, celeiro de mão-de-obra dos sofisticados bairros dos lagos Sul e Norte de Brasília. A maioria dos adultos trabalha na construção civil, na conservação de jardins e em serviços domésticos. As crianças, cerca de 6 mil em idade escolar, superlotam as duas escolas primárias, mas poucas conseguem um nível de aprendizado satisfatório. Estatística da associação de moradores mostra a grande evasão de alunos: existem 44 turmas de primeira série e apenas duas da oitava.

Delcione da Silva, 25 anos, líder dos moradores, ironiza o nível de consciência dos responsáveis pela formação educacional das crianças faveladas de Paranoá:

— Imagine como andam as cabecinhas desses alunos, nascidos nessa pobreza absoluta, diante de uma professora que comeceia o ano letivo pedindo que façam uma composição sobre as férias na praia. Pelo menos se ensinassem alguma coisa de acordo com a realidade vivida, preparando as crianças para a luta que terão que enfrentar...

Grávida do terceiro filho, casada com o funcionário de serviços gerais dos Correios, Gilvan Alves de Oliveira, sete anos mais velho que ela e com salário mínimo, Rosa Maria, 20 anos, consegue manter o otimismo. Plantou até uma roseira num jardinzinho junto ao barraco comprado há dois anos, pelo sogro Marciano Oliveira, por Cr\$ 700 mil. Ela paga atualmente Cr\$ 20 por 200 litros de água, que armazena num tambor e é trazida em latões, num carrinho de mão, por um rapaz “que ganha o seu” abastecendo quem não tem condições físicas de



Crianças da invasão do Paranoá brincam com tralhas à beira do mais rico bairro do país

ir até um dos três chafarizes públicos ou à nascente da invasão.

Um estudo da associação dos moradores mostra que, enquanto na periferia da cidade cada habitante gasta 70 litros de água por dia, na favela são consumidos no máximo 10 a 12 litros. Para Rosa esse é o maior problema do lugar: “Aqui o que mata é a falta de esgotos e a escassez de água.”

Chegou tarde

O sogro de Rosa, retirante do sertão paraibano que teve 14 filhos, lamenta a chegada tardia a Brasília: “Vim em abril de 1975. Vim tarde. Quem veio em 1958 é que se deu bem.” Vigia noturno, transferiu-se da cidade satélite do Guará porque não aguentou pagar aluguel.

Também sertanejo, de Pernambuco, o carpinteiro Dermeval Gomes já teve o terceiro filho com Zeneide Rodrigues. Eles vivem num quartinho de seis metros quadrados, atravancado com uma cama de casal, outra de solteiro, um berço e uma rede onde dorme o bebê de seis meses. Todas as madrugadas, às 4h, ele e a mulher fazem quatro caminhadas de 15 minutos a pé, carregando latões de água na cabeça, que é despejada num galão nos fundos do barraco.

Dermeval trabalha por conta própria e ganha uma média de Cr\$

500 por semana. No momento se esforça para juntar umas “economias” para comprar uma geladeira. Zeneide, atenta ao feijão e às espigas de milho que cozinha no fogão de gás, — não há carne em casa — explica: “O que mais gostaria de ter é uma geladeira para conservar uma verdura, um suco para meus filhos. O leite não falta porque a gente compra fiado na vendinha e paga por semana”.

Como a maioria das favelas do país, Paranoá tem várias biroscas onde a população compra na base do velho caderninho de crédito, esquema adotado pelos comerciantes para sobreviverem com uma freguesia que ganha em média dois salários mínimos. Apesar da escola, comércio, igreja e condução, a invasão é ilegal e seus moradores lutam para que o governo a reconheça oficialmente, loteando a área para que adquiram títulos de posse. Recusam-se a aceitar um reassentamento afastado do Plano Piloto.

Afinal, o Paranoá tem suas vantagens: possibilidade de trabalho nas mansões e as águas disponíveis do lago, embora poluídas. Como acontece nos açudes nordestinos, centenas de mulheres se acocoram às margens do lago, nos fundos do Palácio da Alvorada, para lavar a escassa roupa suja.